

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

ANDRESSA CRISTINA DE MELLO MUNHOZ WANTERS

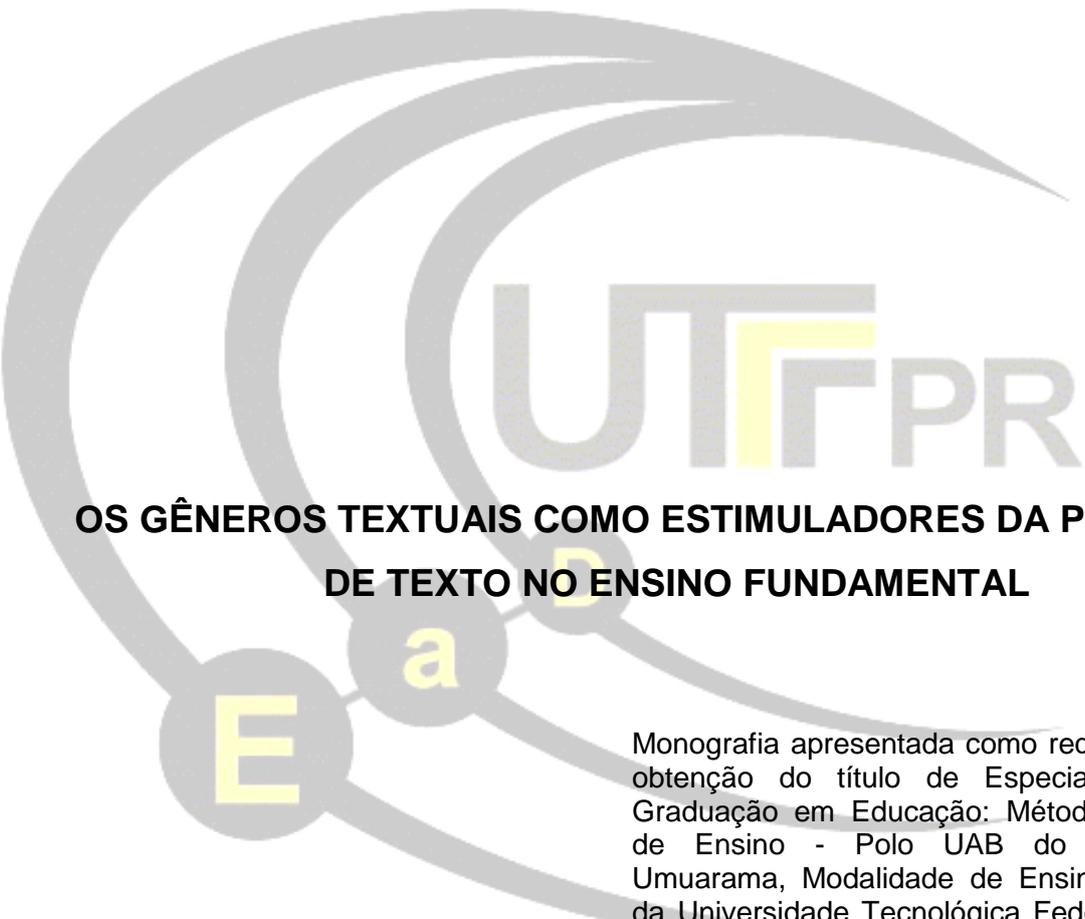
**OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO ESTIMULADORES DA PRODUÇÃO
DE TEXTO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2018

ANDRESSA CRISTINA DE MELLO MUNHOZ WANTERS



**OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO ESTIMULADORES DA PRODUÇÃO
DE TEXTO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós-Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Umuarama, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Me. Nelson dos Santos.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2018



TERMO DE APROVAÇÃO

Os gêneros textuais como estimuladores da produção de texto no Ensino
Fundamental

Andressa Cristina de Mello Munhoz Wanters

Esta monografia foi apresentada às 20h e 10min. do dia 10 de agosto de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Umuarama, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Me. Nelson dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof. Ma. Magela Reny Fonticiella Gomez
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Ma. Neusa Idick Scherpinski
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico este trabalho a área educacional, pois
“é preciso plantar a semente da educação para
colher os frutos da cidadania.” (Paulo Freire).

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade de adquirir esse aprendizado, pela força ao longo dessa jornada, por me conceder essa missão e me capacitar para cumpri-la. Pelo dom da vida e por ser meu caminho.

Aos meus pais pela presença em minha vida, pelo exemplo de força e trabalho, por serem minha inspiração, orgulho e fonte de gratidão.

A toda a minha família que sempre esteve presente me apoiando e encorajando em cada momento da minha vida.

Ao meu orientador, professor Nelson dos Santos, pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa, pela paciência, estímulo, por acreditar em mim e me auxiliar a alcançar esse aprendizado.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação, em especial a professora Elisangela Alves dos Reis por sempre estar presente no decorrer de cada etapa desta jornada.

A instituição em que realizei a pesquisa, que oportunizou o espaço físico para atender aos alunos, o apoio e ajuda necessária para a realização desse trabalho.

Aos alunos pela doação de seu tempo, esforço e carinho, pois “é dos sonhos que nasce a inteligência (...) É preciso escutar as crianças para que a sua inteligência desabroche”.

(Rubem Alves).

A todos os educadores para que se lembrem que “é muito fácil continuar a repetir as rotinas, fazer as coisas como têm sido feitas, como todo mundo faz. As rotinas e repetições têm um curioso efeito sobre o pensamento: elas o paralisam. A nossa estupidez e preguiça nos levam a acreditar que aquilo que sempre foi feito de um certo jeito deve ser o jeito certo de fazer.

(Rubem Alves).

As instituições escolares para que realizem sempre a autorreflexão, pois “há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas”.

(Rubem Alves).

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“A compreensão do mundo está estreitamente ligada á compreensão do processo linguístico”.

(PAULO FREIRE)

RESUMO

WANTERS, A. C. M. M. **Os gêneros textuais como estimuladores da produção de texto no ensino fundamental**. 2018. 49 p. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

Este trabalho teve como temática o uso dos gêneros textuais como estimuladores da produção textual dos alunos no Ensino Fundamental. O estudo realizado foi uma pesquisa de campo desenvolvida com quatro alunos que frequentam o quarto e quinto anos do Ensino Fundamental. Os referidos alunos apresentam dificuldades para acompanhar a turma, sobretudo, na área de Língua Portuguesa. Este estudo tem como objetivo demonstrar a necessidade de práticas em sala de aula que oportunizem a circulação dos textos produzidos pelos alunos, afim de que os leitores de suas produções não seja apenas o professor. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi trabalhado o gênero textual fábula, de modo que, ao final da pesquisa, fosse feito um livro e deixado exposto na biblioteca da instituição escolar. Os dados obtidos no decorrer da pesquisa foram analisados e foi possível constatar que, quando o aluno precisa escrever com um objetivo, além de apresentar seu texto exclusivamente para o professor, a sua preocupação com a escrita é maior e o educando tende a se dedicar mais na escrita. Além disso, constatou-se que os maiores problemas estão relacionados ao aspecto ortográfico e aos sinais de pontuação, e não propriamente as características do gênero textual trabalhado. Por fim, constatou-se que o aluno interage mais ativamente quando o gênero textual está sendo utilizado em uma situação real de circulação, comunicação e relação autor-leitor.

Palavras-chave: Circulação. Fábula. Produção textual. Reestruturação.

ABSTRACT

WANTERS, A. C. M. M. The textual genres as stimulators of text production in elementary education. 2018. 49 p. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

This work had as its theme the use of textual genres as stimulators of the textual production of students in elementary school. The study was a field research developed with four students who attend the fourth and fifth years of elementary school. These students have difficulties to accompany the class, especially in the area of Portuguese Language. This study aims to demonstrate the need for classroom practices that allow the circulation of the texts produced by the students, so that the readers of their productions are not just the teacher. For the development of this research, the fable textual genre was worked, so that, at the end of the research, a book was made and left exposed in the library of the school institution. The data obtained during the research were analyzed and it was possible to verify that when the student needs to write with a purpose, besides presenting his / her text exclusively to the teacher, his / her concern with writing is greater and the student tends to dedicate more in the writing. In addition, it was found that the major problems are related to the spelling and punctuation marks, and not the characteristics of the textual genre. Finally, it was found that the student interacts more actively when the textual genre is being used in a real situation of circulation, communication and author-reader relationship.

Keywords: Circulation. Fable. Text production. Restructuring.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS.....	11
2.2 O TRABALHO COM A DIVERSIDADE TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	12
2.3 O USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA.....	16
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
3.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	21
3.2 CONTEXTO DA PESQUISA.....	23
3.3 COLETA DE DADOS.....	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Os gêneros textuais estão presentes em toda a nossa sociedade. Nesses gêneros, os textos circulam com um significado, de forma intencional e organizada. Assim sendo, propõe-se, neste trabalho, utilizar os gêneros textuais como ferramentas para desenvolver nos alunos as habilidades fundamentais para se tornarem leitores e escritores que compreendem a organização textual e sua principal finalidade: estabelecer um processo de interatividade entre autor e leitor.

Na maioria das vezes, quando os gêneros textuais são trabalhados no interior das escolas, acabam perdendo a sua finalidade social, pois estes não circulam na nossa sociedade, permanecendo nas salas de aula e sendo corrigidos pelo educador, sem necessariamente cumprir sua finalidade de comunicação e interatividade. Desse modo, os alunos não compreendem a função da escrita e a sua necessidade em nosso meio, assim, escrever torna-se uma tarefa árdua e sem importância. Então, para os alunos, as suas produções são somente para escrever.

Diante dos obstáculos a serem superados na formação dos alunos, deparamo-nos com a seguinte questão “Como ampliar as habilidades de leitura e escrita dos alunos do ensino fundamental?”.

A hipótese levantada foi a de que as habilidades desenvolvidas não abrangem a real circulação social dos gêneros textuais, por isso, os alunos não compreendem sua verdadeira finalidade.

Este trabalho teve como objetivo compreender o papel dos gêneros textuais como instrumento facilitador na formação do aluno. Para isto, é necessário dar um novo significado às atividades de produção textual em sala de aula, onde os textos passem a ser produzidos de maneira coerente e que, de fato, circulem no meio escolar, aguçando, dessa forma, nos alunos, o gosto pela leitura e a escrita, estimulando-os na compreensão de sua finalidade social.

Neste contexto, a presente investigação foi desenvolvida, por meio de pesquisa bibliográfica, mediante análise de livros, revistas pedagógicas, artigos científicos, periódicos eletrônicos, entre outros, para selecionar os gêneros textuais que melhor poderiam auxiliar na escrita dos educandos, provocando situações de crescimento e reflexão. Na sequência, foi realizada uma pesquisa de campo com quatro alunos que frequentam o quarto e quinto ano do ensino fundamental primeiro

segmento, de forma que suas produções textuais fossem analisadas e comparadas, investigando, assim, os aspectos que foram melhorados no decorrer desse processo.

Neste trabalho, o primeiro capítulo intitulado “Revisão da Literatura” apresenta a definição de gêneros textuais e sua importância em nosso meio social citando ainda sua contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem da leitura e escrita.

Já o segundo Capítulo, denominado “Procedimentos Metodológicos”, aborda a pesquisa realizada a partir da investigação da produção textual dos quatro alunos do ensino fundamental e as intervenções realizadas no decorrer desse processo.

No terceiro capítulo, são apresentados e discutidos os resultados obtidos no decorrer da investigação.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS

De acordo com o autor Bakhtin (1997), por mais diversificadas que sejam as esferas humanas, estas sempre estão relacionadas com a língua. Neste sentido, os usuários de uma língua estão, constantemente, utilizando a linguagem para se comunicar, sendo esta transmitida de forma oral e escrita.

De acordo com a esfera social em que se apresenta esse discurso, encontram-se finalidades específicas nesse texto, demarcadas conforme cita Bakhtin (1997).

não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Assim sendo, devido à diversidade de atividades humanas e de esferas sociais onde estes textos circulam, encontra-se, em nossa sociedade, uma variedade de gêneros textuais. Mas o que são gêneros textuais?

Segundo o autor, a utilização da língua ocorre de duas formas: oralmente ou por meio da escrita, assim sendo, esses enunciados são classificados como “concretos e únicos”, pois “emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Ou seja, são utilizados pelos falantes para transmitirem uma mensagem e assim realizarem o processo de comunicação e interatividade.

O autor explica ainda que esse texto está relacionado às finalidades e aos objetivos da esfera em que circula. Justamente por isso, encontra-se em nossa sociedade uma variedade de gêneros textuais.

Ressalta-se também que, conforme o local onde o texto é empregado, encontram-se características que são delimitadas pela esfera social. Desse modo, podem-se encontrar textos mais complexos, elaborados, com uma estrutura formal, ou então textos mais curtos, informais, com uma linguagem mais simples.

Os gêneros são classificados em primários e secundários. Os gêneros primários circulam no nosso cotidiano, por isso, possuem uma linguagem mais simples e acessível. Em contrapartida, quando nos remetemos aos gêneros secundários, o autor lembra que

os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. (BAKHTIN, 1997, p. 281)

Na citação acima, o autor explica que os gêneros primários, que em sua maioria são os discursos orais, nascem nos diálogos familiares e encontros informais e são ampliados e aperfeiçoados quando inseridos de forma intencional e planejada nos demais gêneros, constituindo, assim, os gêneros secundários. Desse modo, os gêneros primários são a base de todos os demais discursos.

Neste sentido, Marcuschi (2007, p. 13) afirma que “as práticas linguísticas se dão em textos orais ou escritos com a presença de semiologias de outras áreas, como a gestualidade e o olhar, na fala, ou elementos pictóricos e gráficos, na escrita”.

2.2 O TRABALHO COM A DIVERSIDADE TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

De acordo com o Ministério da Educação, em sua edição final da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), os gêneros textuais devem ser trabalhados desde a Educação Infantil, pois já no Campo de Experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação” nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses), o documento enfatiza que os educandos devem “levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou leitura”(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 48), pois desde que nascemos já estamos inseridos em um ambiente letrado, onde os símbolos e textos estão espalhados por toda a parte e as crianças “desenvolvem noções – chaves sobre a

maneira como opera a escrita, por meio de contínuas experiências naturais com diversos materiais escritos em suas culturas respectivas de usuários da língua escrita (SILVEIRA, 1990, p. 43).

Assim sendo, a autora Emília Ferreiro destaca que essas experiências vivenciadas pelas crianças desde a Educação Infantil permitiram a estas desenvolver um conjunto de esquemas sobre a forma como a escrita opera em cada situação específica. Desse modo, quanto mais estimuladas melhor será a compreensão da escrita e de como essa se manifesta em nossa sociedade.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) tem sido estudada em muitas escolas da rede pública com o intuito de auxiliar na organização do Planejamento Curricular dos educadores e em sua prática docente. Por isso, ao componente **Língua Portuguesa** foi atribuído uma maior ênfase no trabalho com os gêneros textuais, visto que

os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas / campos de atividades humanas (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 65).

Neste sentido, o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula visa oferecer muitas outras competências do aluno, não apenas na disciplina específica da língua, mas nas demais disciplinas.

A Base Nacional Comum apresenta ainda uma tabela com os gêneros textuais que devem ser trabalhados no Ensino Fundamental 1º ciclo e as áreas de circulação desses determinados gêneros.

Anos iniciais	Anos finais
Campo da vida cotidiana	
Campo artístico-literário	Campo artístico –literário
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa
Campo da vida pública	Campo jornalístico- midiático

	Campo de atuação na vida pública
--	----------------------------------

Fonte: Ministério da Educação. A Base Nacional Comum Curricular. 2018, p. 82

De acordo com o documento no item destinado a cada campo há os gêneros textuais indicados para serem trabalhados em sala de aula:

Campo de Circulação	Gêneros Textuais indicados
Campo da vida cotidiana	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Agendas; ➤ Listas; ➤ Bilhetes; ➤ Recados; ➤ Avisos; ➤ Convites; ➤ Cartas; ➤ Cardápios; ➤ Diários; ➤ Receitas; ➤ Regras de jogos e brincadeiras.
Campo artístico - literário	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Lendas; ➤ Mitos; ➤ Fábulas; ➤ Contos; ➤ Crônicas; ➤ Canção; ➤ Poemas; ➤ Poemas visuais; ➤ Cordéis; ➤ Quadrinhos; ➤ Tirinhas; ➤ Charge/Cartum; ➤ Outros.
Campo das práticas de estudo e pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Alguns gêneros deste campo em mídia impressa ou digital; ➤ Enunciados de tarefas escolares; ➤ Relatos de Experimentos; ➤ Quadros; ➤ Gráficos;

	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Tabelas; ➤ Infográficos; ➤ Diagramas; ➤ Entrevistas; ➤ Notas de divulgação científica; ➤ Verbetes de enciclopédia.
Campo da vida pública	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Notas; ➤ Álbuns noticiosos; ➤ Notícias; ➤ Reportagens; ➤ Cartas do leitor (revista infantil); ➤ Comentários em sites para crianças; ➤ Textos de campanhas de conscientização; ➤ Estatuto da Criança e Adolescente; ➤ Abaixo-assinados; ➤ Cartas de reclamação; ➤ Regras; ➤ Regulamentos.

Fonte: Elaborado pela autora com base no documento BNCC (2018).

Vygotsky defende em sua teoria a forte relação entre o desenvolvimento do indivíduo e a mediação do meio. Segundo Oliveira (2010, p. 61), “nas sociedades letradas, a escola tem papel central no desenvolvimento das pessoas” De acordo com o autor, a atividade a ser ensinada para a criança precisa corresponder ao nível do desenvolvimento que se encontra as suas funções elementares superiores, por isso é fundamental seguir essa tabela de forma que o gênero a ser ensinado nas séries tenha as suas dificuldades gradativas e estabeleçam uma sequência de um ano letivo para o outro.

O autor acrescenta que a interação entre os educandos também estimula e amplia o desenvolvimento do indivíduo, assim quando uma criança se apropria de um conhecimento a sua relação pode beneficiar a outra criança, estimulando nesta as habilidades que ainda não haviam sido desenvolvidas, por isso é imprescindível conforme cita Savioli (2007) interagir com o texto e analisar o contexto em que este

foi produzido, atentando-se para o fato que “esse contexto pode vir manifestado explicitamente por palavras ou pode estar implícito na situação concreta em que é produzido” (SAVIOLI, 2007, p. 13).

Além disso, a autora destaca que nenhum texto é isolado, ou neutro em sua totalidade, ou seja, sempre há uma intenção mesmo que esteja o mais sucinto possível. Por isso o autor afirma que

Nenhum texto é uma peça isolada, nem a manifestação da individualidade de quem o produziu. De uma forma ou de outra, constrói-se um texto, para, através dele, marcar uma posição ou participar de um debate de escala mais ampla que está sendo travado na sociedade. Até mesmo uma simples notícia jornalística, sob a aparência de neutralidade, tem sempre alguma intenção por trás (SAVIOLI, 2007, p. 13).

Assim sendo, trabalhar com os gêneros textuais não é simplesmente explorar suas características, o ambiente de circulação e sua função social, é, sobretudo, analisar sua finalidade e a real mensagem que tem por objetivo ser transmitida.

Gnerre (1994) acentua que um dos maiores problemas na alfabetização é a ausência ou a mínima mediação que existe entre a oralidade e a escrita, quanto mais se estabelece distância entre a oralidade a escrita, maior será a dificuldade da criança na assimilação do processo linguístico.

2.3 O USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA

De acordo com o autor Marcuschi em sua obra intitulada “Fala e escrita” as situações de letramento são atos de comunicação intermediados por textos escritos. Desse modo, as situações orais são também atos comunicativos intermediados e passados por meio de textos falados.

Neste sentido, o autor coloca que “esses atos se realizam como algum gênero textual que tem uma organização interna mais ou menos padronizada e funções específicas” (MARCUSCHI, 2007, p. 50).

O autor descreve ainda que sabemos produzir esses gêneros de forma oral em nosso cotidiano, mas a forma escrita precisa ser aprendida, sendo esta a função da escola. Constantemente, estamos em contato com esses discursos, sobretudo em nosso mundo social e do trabalho. Para o escritor alguns são mais simples para escrever como os bilhetes, as cartas pessoais e os avisos, em contrapartida, outros

são mais complexos como o preenchimento de formulários, atas de reuniões e declarações oficiais.

Diante desse cenário, percebe-se que trabalhar com os gêneros textuais em sala de aula é um grande desafio. Neste sentido, Cavalcante (2007) realizou uma pesquisa com os livros didáticos escolares, afim de identificar a forma em que os gêneros textuais são explorados. No decorrer de seus estudos, o autor percebeu que

Os objetivos didáticos dos autores são: ensinar que o texto está organizado em parágrafos, que o travessão é um sinal de pontuação que introduz a fala dos personagens e que se empregam verbos de elocução (falar, dizer, afirmar, responder, etc.) antes, no meio ou depois da fala dos personagens...O texto é o enfoque, não o gênero (CAVALCANTE, 2007, p. 53).

Segundo o autor, se o gênero estivesse sendo levado em consideração, como ferramenta de ensino, as atividades oferecidas pelo livro didático deveriam ir além dos aspectos estruturais presentes no texto, levando ainda em consideração os aspectos históricos, culturais, semânticos, estrutura composicional ou da temática.

O pesquisador enfatiza que a escola é o lugar de excelência onde se deve trabalhar com os gêneros textuais, sendo o espaço legítimo de uso da linguagem formal, de caráter pedagógico, com a finalidade de ensinar e produzir textos, acompanhando a produção dos alunos de forma sistemática e progressiva.

Em situações de produção textual leva-se em consideração a finalidade desse texto, o ambiente em que este será utilizado, desse modo,

o autor, via de regra, tem em mente as condições de produção e de circulação textuais. Assim leva em conta, entre outros aspectos: para quem, quando, sobre o que, com que objetivo escreve. Essas são as características que fazem o escritor se definir pelo gênero textual mais adequado ao contexto sociocomunicativo (CAVALCANTE, 2007, p. 63).

Na instituição escolar quando o aluno está em contato com a escrita sendo proposta a produção de um texto, este não vem acompanhado de uma prática social externa, mas sim, atende a uma exigência da escola, estando quase sempre relacionado com um propósito pedagógico, sendo esta proposta uma grande problemática para o educando, já que para Bakhtin (1997) “a língua se deduz da necessidade do homem de expressar-se, de exteriorizar-se” e muitas vezes essa atividade não provoca no estudante a necessidade de expressar-se e devido a isso, muitos alunos encontram dificuldade para produzir um texto, e conforme Bakhtin

(1997) coloca “o papel ativo do *outro* no processo da comunicação verbal fica minimizado ao extremo”.

A autora Emília Ferreiro em suas pesquisas defende que “o conhecimento não é adquirido por transmissão do saber adulto, mas por construção da própria criança, que o vai aproximando cada vez mais das regras do sistema” (SILVEIRA, 1990). A pesquisadora acrescenta ainda que essas regras não são expostas, mas sim descobertas e apreendidas ao longo do processo de elaboração da escrita.

Geraldi (2006) cita que trabalhar a prática de produção textual na escola tem sido um grande sofrimento para os alunos e educadores, muitas vezes o texto é trabalhado de forma monótona e os estudantes percebem que o tema central acaba sendo repetido ano após ano, independente da turma em que esteja frequentando. O autor ainda enfatiza que ao realizar a correção do texto, o professor devolve ao aluno a sua redação com uma série de anotações, tendo muitas vezes um destino “óbvio” ser jogado na cesta de lixo, sem nem ao menos ser relido. Devido a isso, o emprego da língua torna-se superficial, deixando de ter sua circulação social e atingir seu principal objetivo que é a comunicação.

Como proposta para superar essa real situação o autor organizou uma sequência com diversas atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula dentre essas podemos destacar:

- a publicação de uma antologia das histórias produzidas, onde constará tanto o nome do aluno que contou a história como o nome do autor do texto. No final do ano, portanto, os alunos terão produzido um livrinho, e este será o objetivo final da prática de produção de textos;
- organização de textos no final do ano ou organização de um jornal mural da turma, onde serão afixados os textos produzidos para que todos os colegas possam lê-los;
- organização de jornal da escola ou da série, com circulação mensal, onde os melhores textos serão publicados. Os jornais poderão ser vendidos no interior da própria escola ou fora dela, para assim se tornarem financeiramente viáveis;
- organização dos melhores textos para a publicação no jornal da localidade (GERALDI, 2006, p. 65; 66).

Em sua obra, Geraldi (2006) destaca a importância dos educadores partirem de temas da realidade do educando, de modo, que assim a criança terá como desafio apenas a escrita de seu texto, pois muitas vezes os professores cobram em sala de aula que os educandos escrevam histórias de assuntos dos quais não se tem familiaridade e por isso os estudantes se deparam com dois desafios o de “criar e escrever um texto”. O escritor cita como exemplo ao se trabalhar o texto narrativo que o educador escolha um aluno para pedir em casa aos seus pais, avós e tios que

lhe conte uma história. Posteriormente, esse aluno contará a história para toda a turma. A turma por sua vez, poderá fazer questionamentos, partilhar os assuntos que tenham relação com a história apresentada, estabelecendo assim uma contextualização do tema e ao final todos os alunos escrevem a história em seu caderno de produção textual.

Cada semana o professor escolhe um aluno diferente, de modo que ao final do ano letivo a turma terá uma coletânea de histórias e o professor conhecerá um pouco mais da realidade daquela comunidade e da família dos seus educandos.

Já ao se trabalhar com textos normativos o autor Geraldini (2006) defende o trabalho com as regras de jogos. Em seu livro, o autor coloca que as crianças se entusiasmam com os jogos e que partindo disso, o educador poderá propor aos alunos a escrita da regra de um jogo que eles conheçam e que na sequência irão jogar. O autor destaca ainda que quando os educandos forem jogar o jogo, poderão comparar se as regras estabelecidas foram suficientes e se foram colocadas em prática, caso contrário estas podem ser reformuladas de acordo com a necessidade do grupo. O professor então poderá explorar que assim também é a vida em sociedade, que há leis que precisam ser seguidas e quando não estão de acordo com a nossa realidade, podem ser reformuladas.

Portanto é preciso reconstruir o trabalho desenvolvido em sala de aula afim de amenizar situações em que o texto circule sem o uso social da língua, sem que este tenha de fato alguém para receber sua escrita, pois na maioria das vezes “na redação, não há um sujeito que diz, mas um aluno que devolve ao professor a palavra que lhe foi dita pela escola”, assim ao “descaracterizar o aluno como sujeito impossibilita-se-lhe o uso da linguagem” (KOCH, 2011, p. 128).

Martins (2011) pontua que aqueles momentos mágicos em que o indivíduo consegue escrever com clareza e beleza o que pensa ocorre em momentos muito especiais, porém são circunstâncias normais de relação com a língua e de uso desta. O autor defende ainda que o ato de escrever é uma das formas de buscar referencial, pois ninguém escreve para si, ao escrever temos como objetivo dar uma nova forma a uma realidade e para isso precisamos que o “outro” participe desse processo. Neste sentido, o autor ainda cita que mesmo quando o ser humano escreve em seu diário, este realizará a leitura de seu texto posteriormente, porque o ser humano que escreveu já não é o mesmo que vai ler. E assim não basta produzir

textos em sala de aula é preciso retomar esse texto e dialogar com a sua própria escrita.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Esta pesquisa classifica-se como uma pesquisa de campo que, segundo Vergara (2003, p. 45), “é a investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu o fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo”. Esta investigação se baseou na observação minuciosa do comportamento e da escrita dos alunos, com o intuito de compreender suas dificuldades e auxiliar na sua superação por meio do trabalho com o gênero textual citado anteriormente.

Knechtel (2014, p. 154) salienta em suas produções que “este tipo de pesquisa na área educacional, é caracterizado pela ida do pesquisador a campo, aos espaços educativos, para coleta de dados, com o objetivo de compreender os fenômenos que nele ocorrem”. A autora acrescenta, ainda, que assim se impetram novos conhecimentos e utilizando-os, analisando-os e praticando-os pode-se alcançar melhorias no processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, a autora defende que, por meio desse tipo de pesquisa, não se buscam resultados, prontos e conhecimentos absolutos, pelo contrário, almeja-se construir “argumentações inteligentes que revelem capacidade reflexiva, interpretativa ou explicativa, habilidade para elaborar textos com profundidade e competência metodológica para sistematizar o tema” promovendo uma escrita de qualidade, capaz de construir e reconstruir seu corpo teórico. (KNECHTEL, 2014, p.155). A autora ainda adverte que, por mais que um tema seja estudado para se obter aprendizagem, este conhecimento adquirido jamais será tipicamente “novo”, desse modo, o máximo que se pode obter é a reconstrução do conhecimento.

A presente pesquisa tem caráter exploratório, visto que “tem o objetivo principal de desenvolver ideias com vista em fornecer hipóteses em condições de serem testadas em estudos posteriores” (GIL, 2002, p. 131). Neste sentido, buscou-se compreender as dificuldades dos alunos e assim auxiliá-los na superação do medo de escrever, estimulando-os a adentrar com curiosidade o mundo da leitura e da escrita.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizada a observação do comportamento dos alunos e dos textos produzidos no decorrer dos atendimentos. De acordo com Gil (2002, p. 53), “o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação”.

É imprescindível deixar claro o papel do observador para o desenvolvimento da pesquisa, visto que ele passa a participar do cotidiano do grupo pela observação dos fatos diários, por isso, é necessário ser bem acolhido pelo grupo, estabelecer laços de confiança com os participantes a fim de obter resultados satisfatórios no decorrer da pesquisa.

Knechtel (2014) enfatiza ainda que a observação é uma ação subjetiva, já que os fatos observados sofrem interferências da visão do observador. Por isso, é fundamental definir claramente a linha de investigação, seu desdobramento na prática, o nível de participação do investigador, a duração dos atendimentos e principalmente o treinamento do pesquisador.

Desse modo, a observação realizada nesse trabalho foi a observação participante. Segundo Gerhardt (2009, p. 101) “A observação permite descrever o que vemos, mas também faz emergir questões sobre o que procuramos compreender das representações, do simbólico, das relações sociais, das interações lógicas, etc”, já que a compreensão da produção de texto não é algo que se realiza apenas por amostragem, com cálculos em laboratórios fechados, mas sim uma prática que está interligada a fatores subjetivos e que não está pronta e acabada, pelo contrário, será construída.

Por fim, Gerhardt (2009) salienta que o material obtido por meio das observações deve ser registrado de forma descritiva abrangendo o comportamento dos sujeitos, os diálogos desenvolvidos, a descrição dos ambientes e demais fatos pertinentes ao tema. Além disso, este material deve ser analisado de forma reflexiva compreendendo “as reflexões analíticas e metodológicas, os dilemas éticos e os conflitos, as mudanças na perspectiva do observador e os esclarecimentos necessários” (KNECHTEL, 2014, 165).

3.2 CONTEXTO DA PESQUISA

Este estudo foi desenvolvido na Escola Municipal João Batista de Melo Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, situada no município de São Jorge do Patrocínio, a qual está localizada na Avenida Professora Valdete Kovalski de Araujo. No decorrer da pesquisa foram atendidos 4 alunos que frequentam o Ensino Fundamental, todos matriculados na rede regular de ensino. Nenhum deles foi reprovado no decorrer de sua vida escolar, porém, estes apresentam dificuldades para acompanhar sua turma.

Destes 4 alunos, duas são meninas e dois são meninos, uma educanda e um educando estão cursando o 5º ano do Ensino Fundamental e os outros dois estão cursando o 4º ano do Ensino Fundamental, frequentando suas turmas de forma assídua e sem estabelecer ligação com a pesquisadora, visto que esta não é sua professora regente neste ano letivo.

Os atendimentos foram realizados no contra turno do horário regular das aulas, com duração de duas horas, três vezes por semana (na segunda, na quarta e na sexta-feira). O projeto teve duração de 7 semanas. O primeiro atendimento ocorreu no dia 07 de maio de 2018 e o último, no dia 22 de junho de 2018.

No decorrer desses atendimentos foi trabalhado o gênero “Fábula”. No primeiro atendimento, os alunos escolheram três imagens, duas de animais e uma terceira do ambiente onde se passa a história. Em seguida, o aluno construiu sua fábula. No segundo atendimento, os alunos foram levados ao laboratório de informática, para digitarem a história construída no atendimento anterior. Nesse momento, os alunos receberam a intervenção da pesquisadora, foram levados a refletir sobre a sua própria escrita e a reestruturaram com o intuito de, ao final do projeto, construir um livro com todas as produções realizadas no decorrer desse trabalho. E assim, a cada dois encontros, novos personagens e cenário eram escolhidos e uma fábula foi criada por cada um dos alunos.

3.3 COLETA DE DADOS

Após realizar alguns diálogos com a coordenação e direção da instituição, como já foi mencionado, foram selecionados quatro alunos para participarem deste estudo na faixa etária entre 9 e 10 anos, alunos estes que não possuem caso de repetência, mas que apresentam grande dificuldade para acompanhar a turma na qual estão matriculados.

Trabalhar com este público alvo não pode ser considerada tarefa fácil, pois estes estudantes apresentam-se desmotivados e, retornar à escola no período vespertino, após estudar no período matutino, é uma tarefa cansativa. Além disso, esses alunos apresentam dificuldade principalmente na disciplina de Língua Portuguesa e, por isso, procuram evitar escrever ou, quando escrevem, procuram produzir textos curtos, com o intuito de cometer poucos erros.

Muitas vezes, os alunos questionaram se esta pesquisa e esse trabalho com produção textual não era uma forma de contra turno, pois eles não queriam participar de um reforço escolar, já que frequentam a sala de auxílio à aprendizagem desde o segundo ano e, além de conhecerem este tipo de intervenção, não gostam de serem tachados como “crianças que não conseguem aprender” pelos demais alunos da classe em que frequentam, além de muitas vezes serem rotulados como incapazes, burro, entre outros. Estes alunos escutam de seus colegas no momento de intervalo ou enquanto aguardam o sinal tocar para iniciar a aula frases desestimuladoras como: você sempre demora para copiar, você não aprendeu isso ainda, vai ter que voltar para o primeiro ano e etc, por isso a princípio procuram evitar deixar transparecer que estavam participando deste projeto, demonstrando dificuldade emocional para lidar com esses conflitos que ocorrem de forma implícita no interior da escola, principalmente nos momentos em que os educadores não estão presentes.

Devido essa realidade, muitos comportamentos de rejeição foram se manifestando no decorrer dos atendimentos, porém, conforme os alunos foram se familiarizando com a pesquisadora, demonstraram-se mais desinibidos e expressaram-se melhor, com mais autonomia e segurança.

Pouco a pouco os alunos foram se interessando pelo conteúdo abordado, principalmente pela escolha das imagens que representavam os personagens

daquela fábula. Porém, o que os estudantes preferiam era digitar suas produções no laboratório de informática.

No momento de produzir seu texto, a pesquisadora deixava os alunos livres para criarem e registrarem de acordo com os conhecimentos que já possuíam sobre o gênero. Posteriormente, no momento da digitação, a pesquisadora realizava algumas intervenções principalmente na pontuação e na sequência dos fatos. Os erros ortográficos eram facilmente percebidos pelos alunos, pois o computador sinaliza com um traço vermelho quando a palavra está escrita de forma incorreta e, ao clicar nela com o botão direito do mouse, a palavra aparecia escrita da forma correta. Os alunos ficavam encantados e realizavam essa sequência de ação constantemente.

Como os alunos, em geral, só têm acesso ao computador na instituição escolar, realizar este trabalho parece ser prazeroso para eles e agrega muitos conhecimentos aos estudantes, por isso, no decorrer dos atendimentos, eles sempre questionavam: “Professora, hoje nós vamos ao laboratório de informática?”.

E assim se transcorreram as atividades até o último encontro, oportunidade em que eles compartilharam as suas aprendizagens e manifestaram o desejo de que esse trabalho continuasse até o final do ano letivo.

Com o intuito de preservar a identidade dos alunos participantes da pesquisa, estes são identificados, neste trabalho como: aluno A, aluno B, aluno C e aluno D.

A seguir, serão apresentadas as produções textuais dos alunos que participaram da pesquisa, estes textos foram produzidos pelos próprios alunos, assim como a escolha dos animais (personagens) e do cenário da história. Na sequência, após cada escrita os próprios alunos realizaram a leitura e reestruturação do seu texto de forma individual, utilizando o laboratório de informática e fazendo pesquisas na internet. Apresentaremos abaixo as produções do aluno A.

O Tedy e a Gigi

Era uma vez Tedy, o panda e Gigi a girafa, eles viviam no zoológico, na cidade de São Paulo. O Tedy era preto e branco, comia bambu e peixe, a Gigi tinha um pescoço muito comprido e se alimentava com folhas de árvores.

- Há, olha o tamanho do pescoço!, Que comprido! – disse o panda.

A Gigi respondeu:

- Há, é porque eu nasci assim.

- Há e por que você é defeituosa? – disse o panda.

Passando alguns dias o dono do zoológico ficou sem dinheiro e começou a trazer pouca comida, então Tedy ficou doente e fraco, pois quase não conseguia comer, já a Gigi com seu pescoço comprido conseguia pegar as folhas no alto da árvore.

A Gigi com pena foi pegar as folhas no alto da árvore e deu ao Tedy e os dois viraram amigos de novo e eles viveram felizes para sempre.

Moral: Nunca zombe dos seus amigos.

O gato e o passarinho

Num belo dia o gato e um passarinho eram muito amigos. Um dia, eles começaram a brigar.

O passarinho falou:

- Seu tolo!

- Defeituoso – disse o gato.

O passarinho ficou triste e o dono distraído deixou a porta da gaiola aberta e o passarinho saiu voando.

O dono do passarinho disse:

- Volta aqui passarinho!

O passarinho pensou:

- Há como é bom tomar ar, nunca mais vou voltar!

- Buuuuu! Buuuuu! Buuuuu!

A esposa encontrou o passarinho e o passarinho voltou para a casa.

E o homem ficou feliz.

E eles viveram felizes para sempre.

Moral: Valorize quem te ama.

Guaxinim marrom e a Arara vermelha

Um belo dia o guaxinim e a arara vermelha foram brincar pois ele eram muito amigos. O guaxinim come frutas e insetos, come rã e faz toca nas árvores, já a arara vermelha come frutas e insetos, faz seus ninhos no meio de árvores e possui lindas penas.

Mas o guaxinim ficou com inveja das lindas penas da ave. Então o guaxinim queria se vingar da arara vermelha, mas a arara vermelha escutou todo o plano do guaxinim. Ele foi lá e pegou um punhado de veneno, e pegou semente e colocou embaixo da árvore, mas a arara sentiu o cheiro do veneno e não foi.

Era um plano mal e o guaxinim falou:

- Ué, ela não veio, será que eu não joguei direito o veneno?

Ele experimentou um pouco da semente e ficou doente.

A arara ficou com dó, foi lá e entrou na boca do guaxinim e tirou o veneno e os dois viraram felizes para sempre.

Moral: Devemos sempre fazer o bem.

A água viva e o tubarão

Um belo dia numa linda praia havia um tubarão. O tubarão come carne, pessoas, outros peixes e também água viva. A água viva é conhecida como Medusa, é carnívora se alimenta de outros peixes.

Mas a água viva tinha inveja do tubarão, porque ele tem escamas fortes e ele era mais grande. Então a água via falou.

- Olha o tamanho de sua escama é grande demais.

- Obrigado água viva – respondeu o tubarão.

- Não eu estava querendo falar que suas escamas estão feias demais e defeituosa, entendeu tubarão – disse a água viva.

- Você é chata água viva, seus tentáculos são feios demais. Também água viva, sua cabeça é feia demais, você é chata demais e defeituosa. Disse o tubarão.

- Dias depois, água viva foi capturada pelo Herry um tubarão inimigo e a água viva começou gritar:

- Socorro! Socorro! Socorro! Socorro!

- Então o tubarão, aquele que a água viva tinha inveja, foi salvá-la.

O Herry não aceitou soltar a água viva e os dois tubarões começaram a brigar.

O Herry falou:

- Não vou soltá-la seu tubarão!

Nesse momento, enquanto o Herry estava distraído a água viva soltou um jato de veneno e conseguiu escapar.

A água viva aprendeu a lição de não maltratar os outros, pois um dia podemos precisar deles.

Moral: Não maltratar os outros, pois um dia podemos precisar deles.

O macaco e a cobra

Um lindo dia o macaco e uma cobra viviam na floresta. A cobra era venenosa, comia outros animais e o macaco Nico gosta de comer banana e outros frutos.

Então a cobra falou:

- Sou a Cascavel.

O macaco falou:

- Sou o Nico muito prazer vê-la.

Desde que se conheceram eles nunca mais deixaram de se ver e passaram a se encontrar todos os dias.

Eles brincavam, faziam careta, brincavam de se esconder e assustar outros animais.

O macaco falou:

- Você é aquela cobra minha amiga?

- Sou sim – falou a cobra.

Passado alguns dias o macaco percebeu que a cobra era veloz, ele ficou com inveja dela e quis fazer uma armadilha para ela.

O macaco falou.

- Vou colocar um pedaço de carne e colocar uma rede de pesca já que a cobra come carne é capaz de ela vir.

Já a cobra mais esperta do que o macaco não caiu na armadilha.

O macaco ficou assustado e disse:

- Ué ela não veio. O que aconteceu, deixe-me ver não fiz direito eu acho.

E o macaco caiu na armadilha, a cobra ficou com pena e tirou o macaco da armadilha e o macaco aprendeu a lição de não ter inveja dos seus amigos.

Moral: Não ter inveja dos seus amigos.

A cabra e a ovelha

Um belo dia no sítio havia uma cabra e uma ovelha.

A ovelha come capim, trevo, alfafa, chicória, legumes e artistas. Além disso, a ovelha é um animal mamífero, que bebe leite quando nasce. Já a cabra é um animal que se alimenta de soja, milho, capim, silagem e feno e também é um animal mamífero.

Dias depois ela se encontraram e as duas viraram amigas e elas brincavam pelo pasto.

Só que um dia as duas escaparam do sítio e foram para a cidade grande.

O dono começou a chorar:

- Nhééééééé-é-é-é.

Foi revistar a cidade grande e as encontrou e as levou para casa.

Depois disso, os dois animais entenderam que não devem fugir de sua casa, pois no sítio sempre receberam amor, alimento e um lugar seguro para dormir, além disso correram grandes perigos na cidade grande.

Assim que voltaram para o sítio perceberam o quanto seu dono era bom e prometeram nunca mais fugir.

Moral: Valorizar o que se têm.

O tecelão de máscara e o beija flor

Um bela dia na praia havia um passarinho e um outro passarinho, porém eram de espécies diferentes.

O tecelão-de-máscara é conhecido como “Soldado”, come frutas e sementes, todos dizem que ele é arquiteto da natureza por ele fazer lindos ninhos. Já o beija-flor se alimenta do néctar das flores e faz ninhos bonitinhos.

Então o Tecelão-de-Máscara falou:

- Nossa seu ninho é feio!

O beija – flor respondeu:

- O seu ninho que é, e não o meu.

Então o beija-flor voou para bem longe e se perdeu, e o passarinho foi procurar seu amigo, e ficou horas procurando.

Finalmente o passarinho encontrou o beija-flor porque ele estava quase desistindo já que ficou 15 dias procurando o beija-flor e nada de encontrá-lo.

E o beija – flor aprendeu a lição de nunca sair do seu território pois pode se perder, além disso aprendeu a perdoar.

Moral: Nunca sair sozinho do seu território, pois você pode se perder.

O Peixe- Palhaço e o Cirurgião

Um belo dia o “Peixe-Palhaço” e o “Cirurgião” estavam nadando na praia. Os dois que nunca se entenderam bem, resolveram fazer as pazes, porém não adiantava, eles continuavam a brigar.

O peixe – cirurgião falou:

- Ei você é feio Peixe-Palhaço!

O peixe Palhaço respondeu:

- Você que é Peixe – Cirurgião!

De tanto brigar, ninguém saiu de suas casas, mas o “Peixe-Palhaço”, foi pego por uma baleia e o Peixe-Cirurgião foi lá salvar o seu companheiro porque ele não queria ficar sozinho.

Então o Peixe-Cirurgião salvou o seu companheiro e os dois viraram amigos novamente.

O Peixe-Palhaço perguntou:

- Como você me salvou daquela baleia tão grande?

E o Peixe-Cirurgião respondeu:

- Eu fiz cócegas na baleia e você saiu pelo chafariz dela.

Eles ficaram amigos para sempre, mas dessa vez sem se desentender.

Moral: Valorize quem te ajuda quando você está em apuro.

O peixe e o polvo

Um lindo dia um peixe e um polvo enorme nadavam numa praia, pois eles eram muito amigos mesmo sendo de espécies diferentes.

O polvo come peixe e solta o jato preto para pegar os peixes. Já o peixe Xodó come outros peixes menores, algas e ovinhos de outros peixes.

Então os dois fizeram uma aposta “aquele que salvar um animal marinho ou que fizer uma boa ação correndo mais risco” será considerado o mais forte. E lá se foram os dois em busca de realizar seu grande feito.

Xodó decidiu ir para a superfície do mar, enquanto que o polvo resolveu ficar nas profundezas do mar. De repente Xodó foi capturado por alguns pescadores e ficou desesperado, se batendo de um lado para o outro.

O polvo sentiu um pressentimento de que seu amigo poderia estar em apuros, rapidamente foi à superfície e o viu preso nas redes de alguns pescadores. Imediatamente e sem pensar jogou seu jato e conseguiu rasgar uma parte da rede, e assim Xodó conseguiu se salvar.

Quando retornaram para suas casas Xodó agradeceu muito ao seu amigo e percebeu que não precisava de aposta para mostrar o seu valor e a importância dos outros em sua vida.

Moral: Melhor que ser o mais forte e ser amigo de verdade de alguém.

Segue abaixo as produções desenvolvidas pela Aluna B ao longo dos atendimentos.

O Gugu e o Billi

Um dia na floresta dois animais se encontraram e o Billi falou:

- Oi eu sou um filhote de elefante e me chamo Billi.

- Eu me chamo Gugu, disse o canguru.

O canguru falou:

- Você tem tromba enorme e é cinza. Eu moro na bolsa da minha mãe e sou marrom.

O elefante falou:

- Eu vou embora porque você fica me ofendendo.

O canguru falou:

- Não vá embora me desculpa eu falei isso mas eu estou arrependido.

O elefante falou:

- Você está desculpado.

O canguru falou:

- Eu vou falar pra minha mãe ir comprar comida para gente comer.

A mamãe falou:

- Filho a mãe não tem dinheiro para comprar comida.

O elefante falou:

- Eu tenho dinheiro minha família me deu, vou buscar.

A mãe do canguru falou:

- Eu vou lá comprar as comidas.

E eles comeram a comida e ficaram felizes para sempre.

Moral: Ajuda vem de quem menos espera.

A onça e a gata

Um dia na floresta dois animais se encontraram.

A onça falou:

- Cadê seus pais gata?

A gata respondeu:

- Eu não tenho pais fui abandonada.

A onça falou novamente:

- Pobre gatinha.

A gata falou:

Eu estou sozinha no mundo não tenho ninguém.

A onça perguntou:

- Você quer ser minha filhotinha?

A gata respondeu:

- Eba, eu quero sim!

A onça disse:

- Qual é o seu nome?

A gata respondeu:

- Eu não tenho nome, mas os outros me chamam de gata Louca.

A onça falou:

- Você não é louca.

A gata disse:

- Vamos fugir onça?

A onça falou:

- Vamos.

E elas foram embora e esqueceram dos filhotes da onça.

A onça falou:

- Filha nós esquecemos as oncinhas.

A gata falou:

- Vamos buscar eles.

Elas pegaram os filhotinhos e viveram felizes para sempre.

Moral: Mãe é aquela que cuida e da amor.

A arara azul e o macaco

Era uma vez na floresta dois animais se encontraram.

O macaco falou:

- Qual é o seu nome?

A arara respondeu:

- Meu nome é Arara Azul e o seu é como?

O macaco falou:

- Meu nome é Macaco.

A arara falou:

- Onde você mora?

O macaco respondeu:

- Eu moro nas árvores, e você mora aonde?

A arara falou:

- Eu moro nos galhos das árvores e eu como maçã e você come o quê?

O macaco respondeu:

- Eu como banana.

A arara falou:

- Eu vou ir voar.

O macaco respondeu:

- Pode ir.

Lá se foi a arara voando e depois ela voltou e o macaco não estava em casa e ela foi caçar o macaco e ela achou o macaco caído no chão chorando porque ele quebrou o braço.

Então a Arara ficou com pena do macaco e cuidou do macaco e ele sarou e ficaram felizes para sempre.

Moral: O verdadeiro amigo sempre ajuda.

O Bruno, a Ana e o Macaco

Era uma vez um menino e uma menina que se chamavam Bruno e Ana.

E um dia eles foram na praia com seus pais e viram um macaco.

E a Ana falou:

- Bruno, vamos pegar aquele macaco?

O Bruno respondeu:

- Vamos, mas tem que pedir para nossos pais.

Os pais falaram:

- Podem ir Bruno e Ana, mas não demorem.

E o macaco os viu e fugiu.

E a Ana falou:

- Bruno o macaco fugiu, vamos ter que voltar para casa.

Bruno respondeu:

- Eu achei o macaco vamos lá bem devagar para ele não fugir.

E eles não pegaram o macaco. E foram para casa.

No caminho de volta lembraram que os seus pais falaram:

- Não voltem muito tarde filhos.

E houve uma tempestade e eles chegaram tarde e com a roupa molhada.

Então os pais falaram:

- Filhos, eu não avisei para não chegarem tarde, agora vocês pegaram um belo resfriado.

Moral: Nunca desobedecer aos pais.

O macaco e a onça

Era uma vez um macaco na floresta e apareceu uma onça.

A onça falou:

- Qual é o seu nome?

O macaco respondeu:

- Meu nome é Macaco e o seu?

A onça falou:

- Meu nome é Onça.

O macaco disse:

- Vamos sair um pouco onça?

A onça respondeu:

- Vamos Macaco, mas tem que tomar cuidado.

E lá vão eles passeando tranquilamente, andando pela floresta e o macaco se perdeu.

A onça falou:

- Macaco cadê você?

A onça ficou furiosa porque o macaco não respondeu a onça.

E a onça foi procurar o macaco e não achou ele.

Passou um tempo e o macaco ainda não falou nada.

O macaco falou:

- Onça eu estou aqui!

A onça respondeu:

- Aonde macaco, eu estou te procurando.

O macaco disse:

- Onça tem um leão aqui.

A onça respondeu:

- Macaco eu vou te salvar fique calmo eu estou indo.

- E a onça salvou o Macaco e eles viveram felizes para sempre.

Moral: Sempre ajudar os amigos.

A Ana e o Bruno

Era uma vez em uma floresta bem distante da cidade.

E um dia um cachorro chamado Bruno e ele encontrou uma coruja chamada Ana.

O cachorro falou:

- Qual é o seu nome?

A coruja respondeu:

- Meu nome é Ana e o seu nome é como?

O cachorro falou?

- Meu nome é Bruno.

A coruja disse:

- Eu como rato e filhotes de outras aves enquanto eles dormem eu pego os filhotes. Eu fico viva de 15 à 20 anos.

Na verdade, em seu coração a coruja queria pegar os filhotes do cachorro e comer muito, pois estava faminta.

Então o cachorro falou:

- Eu vou dar uma passeada, você cuida dos meus filhotinhos coruja.

E lá se foi o cachorro passear pela floresta.

E a coruja comeu os filhotes do cachorro e quando o cachorro chegou ele chamou os seus cachorrinhos e ele viu que não tinha nenhum.

O cachorro falou:

- Você não está desculpada, foi você que comeu meus filhotinhos coruja, por que você fez isso? Eu vou embora.

A coruja respondeu:

- Eu estava faminta. Não vá embora, eu estou triste.

E o cachorro desculpou a coruja, mas não confiou nela.

Moral: Se alguém perde a confiança em você, sua amizade será abalada.

Seguem abaixo as produções desenvolvidas pela Aluna C:

O Leão e o Macaco

O leão vive na selva em uma pedra enorme e o macaco mora na árvore bem alta e são animais. O macaco adora brincar segurando o arbusto, pulando de galho em galho e o leão gosta de assustar os outros animais, e depois ele dava tanta risada que não se cansa e fica feliz de ver os animais com medo.

Um dia o leão resolveu dar um susto no macaco mais o caçador pegou o leão e o macaco foi até o leão e falou:

- Espera vou te salvar leão!

Mas o leão respondeu:

- Não precisa, não quero que você me salva, eu sou o mais forte macaco.

E o macaco foi embora muito triste e chorando pelo que o leão falou.

O macaco preocupado foi salvar o leão, então ele falou:

- Obrigado macaco eu nunca mais vou chatear os animais e nem ser orgulhoso.

Moral: Nunca duvidar dos outros.

A galinha e o cachorro

A galinha de manhã falou:

- Cocoricó, cocoricó...

A galinha foi buscar comida para os filhotes, eram minhoquinhas.

E o cachorro estava só observando a galinha. Ele só estava esperando para dar o bote na galinha. Malu, coitadinha da galinha não sabia o que fazer e ficou preocupada com receio do cachorro comer seus filhotes e não saiu da galinheiro porque estava com medo.

Na noite seguinte, o cachorro caiu no sono profundo e a galinha saiu e pegou bastante minhoquinhas para não faltar comida.

E o cachorro acordou, foi ao galinheiro comer a galinha, ele estava sem comer e foi para cima da galinha e a galinha foi para cima também. Ela bicou o cachorro, ele ficou todo machucado e a galinha falou:

- Sai daqui cachorro, isso é para você aprender a não fazer mais isso!

E o cachorro foi embora, quando ele olhava a galinha ficava com medo das galinhas.

E o cachorro pediu desculpa para a galinha e também para os pintinhos, e o cachorro falou:

- Nunca mais vou comer os outros animais desse sítio.

Moral: Nunca fazer o mal para os outros.

A Arara azul e o Pica-pau

A arara azul foi sair de manhã para dar um passeio, encontrou bastante frutas, para comer em seu ninho, já o pica-pau estava em uma árvore bem alto. Então começou a escurecer e o pica pau voou para o seu ninho.

A arara estava com muita inveja e falou para o pica-pau:

- Nossa pica-pau suas penas são tão feias e coloridas!

O pica-pau foi dormir muito triste e a arara azul também foi dormir.

Na manhã seguinte, o pica-pau estava tão triste, mas tão triste que não saiu do seu ninho.

Então a arara falou para o pica-pau:

- Me desculpe pica-pau as suas penas são muito lindas, eu estava com inveja de você, por isso eu disse aquelas palavras feias para você!

E o pica-pau falou:

- Está desculpada, mas nunca mais faça isso com os animais.

Moral: Nunca devemos sentir inveja dos outros, cada um tem sua beleza própria.

O Piu-piu e o Gugu

O Piu-piu estava cantando em um galho da árvore e o elefante estava passeando quando veio uma chuva forte, o elefante foi para sua casa e o passarinho continuava cantando na chuva. Depois ele foi para sua casa e o elefante falou para o pintinho:

- Nossa você está muito feio! Como sua voz está rouca demais!

O passarinho ficou tão triste que não cantava mais e não saía de seu ninho, porque ele estava envergonhado por causa da fala que o elefante havia dito para o passarinho.

Passado alguns dias o passarinho resolveu sair de seu ninho, e foi até um galho e cantou.

O elefante foi até o galho e falou para o passarinho:

- Me desculpe eu acho sua voz muito linda e suas penas também, se eu fosse você eu iria amar suas asas e sua voz!

E o passarinho falou para o elefante:

- Eu também acho linda sua tromba e suas orelhas, se eu fosse você eu também iria amar, está desculpado.

E eles se tornaram melhores amigos.

Moral: Aceitar os amigos do jeito que eles são.

O sábia e o cachorro

Um dia, o sábia foi à um galho de árvore e cantou:

- Flo, flo, flo, flo, flo...

O cachorro saiu para caçar comida, viu o sábia Sol e tirou sarro do sábia .

O cachorro ficou muito triste pelo que disse para o sábia, porque ele se sentia sozinho e sem conversar. Então foi até o sábia para pedir desculpas.

Ele falou:

- Me desculpa por ter falado aquilo para você!

E o sábia falou:

- Está desculpado cachorro, meu amigo.

Moral: Perdoar os amigos pois eles também tem defeitos.

Xéxeu e o Pintinho

Era uma vez o pintinho que acordava de manhã no sítio em que morava e passeava com seu amigo Xéxeu.

No seguinte, o pintinho chamou seu amigo Xéxeu para brincar. E o Xéxeu falou para o pintinho:

- Você é muito feio e amarelo, você me chamou para brincar ontem, mas não apareceu, me deixou esperando e os meus parentes ficaram rindo de mim!

E o pintinho ficou muito triste pelo que o Xéxeu falou para ele, pois ele nem deixou o Pintinho explicar o verdadeiro motivo dele não ter ido brincar, porque ele foi cuidar de sua mãe que estava doente.

Então o pintinho ficou dias e dias no seu galinheiro e não saiu de lá.

E o Xéxeu foi até o galinheiro do Pintinho e falou:

- Me desculpa por ter falado aquilo, eu fiquei sabendo que sua mãe ficou doente por isso você não foi brincar comigo.

O pintinho respondeu:

- Está desculpado amigo.

Moral: Nunca brigar com os outros sem saber o motivo do seu erro.

A Carla e a Dora

A Carla estava passeando no lindo campo cheio de arbustos altos.

Carla se cansou de correr e de repente uma abelha chegou. Dora uma abelha muito esperta ferrou a Carla.

Carla saiu correndo com o ferrão de Dora.

No dia seguinte, Carla não saiu mais de sua casa, porque a abelha picou ela com seu ferrão. Carla se machucou, ela estava com muita dor.

Tempos depois, Carla saiu de casa para passear, pois percebeu que sua dor estava diminuindo.

Ela correu e quase trombou na abelha.

E a abelha falou:

- Olha por onde anda, tome cuidado para não me machucar cachorro!

O cachorro disse:

- Na verdade abelha eu que estou nervoso com você pela ferroadada que me deu. Por acaso você já esqueceu?

A abelha respondeu:

- Há me desculpe cachorro por ter falado aquilo para você e pela ferroadada, eu estou mesmo errada.

E o cachorro falou:

- Está desculpada abelha e também está desculpada pelos seus erros.

Moral: Procure saber o que você está fazendo para não chatear os outros.

O macaco e o quati

O quati logo de madrugada estava com fome e comeu frutas e ovos de alguns animais.

O macaco chamou o quati para brincar e viu os seus amigos e também os chamou para brincar.

Durante a brincadeira o quati ficou triste por o macaco também dar atenção para os seus amigos e não ficar brincando apenas com ele.

O quati ficou triste e foi embora, e o macaco continuou lá brincando com seus amigos.

Passado alguns dias, o macaco se encontrou com o quati e explicou para ele que não estava fazendo nada de errado, apenas brincando com seus amigos e que o quati não precisava ter ido embora, pois ele também era importante na brincadeira.

O quati ficou envergonhado pela sua atitude e compreendeu que é preciso dividir as coisas, até mesmo a atenção dos amigos.

Moral: É preciso compartilhar as coisas, ninguém é dono de ninguém.

Por fim, segue os textos produzidos pelo aluno D em sua forma original, pois não foi reestruturado pelo educando devido à sua desistência.

A zebra eo tigre

Era uma vez, em um zoológico na cidade de Maringá que havia só mico então troseram uma zebra e um tigre.

Ai o tigre começou a ficar com fome e desidio fugir para a floresta para procurar conida. Depois ele cutucou o cadeado até abrir e começou a core atas dos micos e os micos dise:

- De onde você saiu tigre louco?

Ele desmaiou ali mesmo

Os micos levantaram e levou ele para o dono que chegava. O dono deu comida todo dia para o tigre e ele nunca mais queria fugir.

Moral: Sempre devemos enfrentar nosos desafios.

O Macaco e a Preguiça

Era uma vez uma floresta dentro de um zoológico da cidade de São Paulo que tinha uma preguiça invejosa e um macaco.

O macaco uma vez viu a preguiça comendo banana e ele achou que a banana era dele e fez uma armadilha para a preguiça, pegou uns pedaços de pau e folhas e fez um buraco e tampou com folhas e colocou três bananas e chamou a preguiça.

A preguiça pisou na armadilha, caiu e machucou o braço e o macaco ficou com pena e puchou a preguiça e a preguiça disse:

- Por que você fez isso?

O macaco respondeu:

- Por que você comeu minha banana!

A preguiça falou:

- A desculpa eu não sabia que era sua.

Moral: Não devemos pegar oque não é noso.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Gerhardt (2009), ao se realizar uma pesquisa qualitativa há duas possibilidades de análise dos dados obtidos, sendo estas: análise de conteúdo e análise do discurso.

A reflexão e análise do conteúdo refere-se à observação de todo o material que foi coletado de forma escrita, concreta, podendo ser leitura das falas dos participantes materializada nas entrevistas, depoimentos, documentos e atendimentos. Esses processos relacionam as estruturas do signo linguístico (significante e significado) associando os enunciados do texto com os fatores que determinam as suas características, nesse caso o gênero textual fábula.

A autora afirma que “a análise temática trabalha com a noção de tema, o qual está ligado a uma afirmação a respeito de determinado assunto; comporta um feixe de relações e pode ser graficamente representada por meio de uma palavra, frase ou resumo” (GERHARDT, 2009, p. 84).

Assim sendo, os textos produzidos pelos alunos foram descritos no capítulo anterior, para facilitar a análise e comparar os resultados obtidos.

Em contrapartida a análise de discurso refere-se à observação minuciosa das ideologias que se apresentam de forma implícita na fala dos participantes e que revelam seu nível de compreensão linguística.

Pelos atendimentos realizados, constatou-se que a maior dificuldade dos alunos está relacionada à grafia das palavras e as dúvidas em relação aos sinais de pontuação. Todos os alunos apresentaram essas dificuldades, porém, com o trabalho desenvolvido, muitas dúvidas foram amenizadas, pois os alunos perceberam que um texto não fica pronto em sua primeira versão. Além disso, no momento em que digitavam a redação, os alunos percebiam os erros que não haviam sido corrigidos na produção da fábula e reorganizavam seu texto, obtendo assim resultados positivos que geravam novas aprendizagens e um melhor desempenho em suas próximas produções.

Em relação ao aproveitamento do trabalho realizado constatou-se que três alunos compareceram em todos os atendimentos, obtendo frequência máxima, enquanto o Aluno D participou de apenas um atendimento, obtendo 10% de

frequência, o que resultou em sua desistência, conforme será demonstrado no gráfico abaixo:

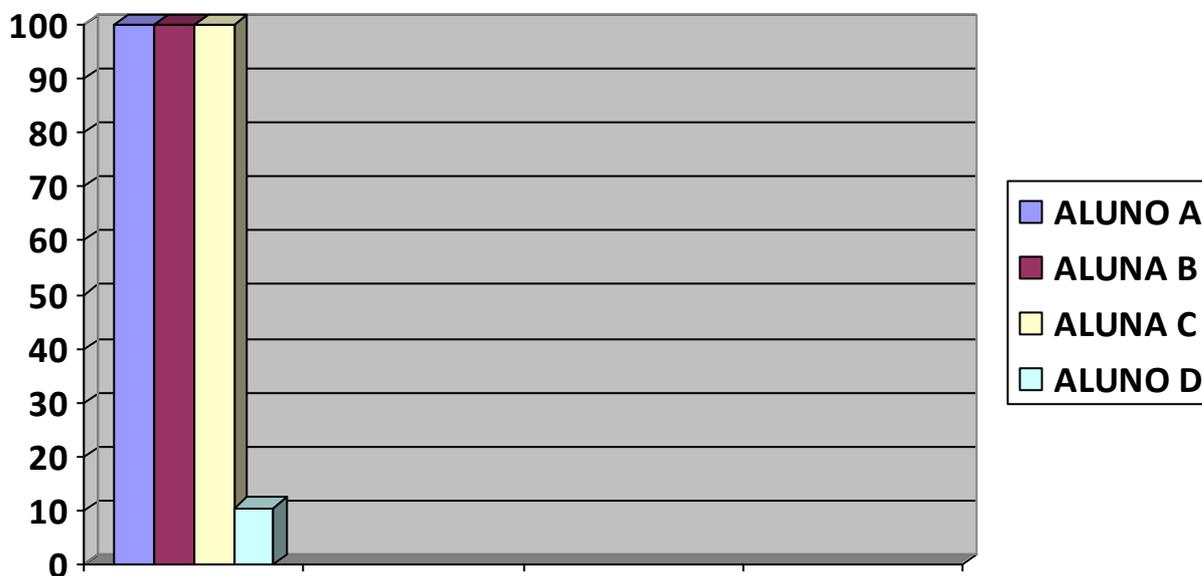


Gráfico 1: Frequência nos atendimentos

(Fonte: elaborado pela autora)

Em relação ao progresso de cada educando foi possível observar que:

- O Aluno A foi transferido esse ano para a instituição onde foi realizada a pesquisa, ainda estava, portanto, em um processo de adaptação. É um menino de 9 anos que frequenta o quarto ano do ensino fundamental.

Inicialmente, manifestou-se muito emotivo, buscava a atenção da pesquisadora com insistência, apresentava um vocabulário repetitivo e muita dificuldade no uso dos sinais de pontuação.

Ao longo dos atendimentos, esse aluno evoluiu muito na linguagem oral e escrita, em seus últimos textos, preocupava-se em não repetir palavras e já compreendia as etapas de um gênero textual, a fábula, sem necessitar que o recordasse. Suas produções apresentavam um significado, possuíam sequência lógica dos fatos, porém, a dificuldade com a pontuação foi amenizada, mas não solucionada.

- A aluna B apresentou muita resistência para reconhecer seus erros, demonstrava algumas oscilações de humor, realizava trocas de fonemas, confundia os pontos de exclamação e de interrogação. Porém no decorrer dos atendimentos foi apresentando uma evolução significativa, passou a se concentrar mais na produção

da fábula e a pensar antes de escrever. Nos atendimentos realizados no laboratório de informática, a aluna pesquisava na internet características dos animais escolhidos para serem os seus personagens, conversava com ela mesma tentando identificar quando estava escrevendo uma pergunta no decorrer dos diálogos e pesquisava ainda individualmente o ponto adequado para colocar no final da frase. Assim sendo, nos últimos textos elaborados pela aluna muitas de suas dúvidas haviam sido superadas.

- A aluna C apresenta muita dificuldade na sequência dos fatos, ao escrever seu texto a aluna não faz a leitura e por isso realiza muitos erros de coesão e coerência. No decorrer dos atendimentos a estudante procurou atender as orientações propostas pela pesquisadora, começou a realizar a leitura atenta do texto no decorrer de sua produção e isso proporcionou uma melhora significativa.

- O aluno D tem 10 anos, frequenta o quinto ano do ensino fundamental e possui muita dificuldade na escrita, por isso muitas vezes nega-se a escrever. Na instituição o aluno vem sendo acompanhado por uma equipe multidisciplinar, que está realizando avaliações para diagnosticar o motivo de suas dificuldades.

Esse aluno não realizou todos os atendimentos, desistindo da pesquisa. No decorrer dos encontros produziu apenas dois textos e não realizou a sua reestruturação no laboratório de informática. A pesquisadora realizou diversos diálogos com o estudante, mas ele simplesmente parou de ir aos encontros, embora tenha sido muito estimulado a participar.

Além disso, foi constatado que o gênero textual pode, sim, facilitar a escrita dos alunos, pois estes se apresentavam motivados para escolher as imagens dos personagens, despertando curiosidade para pesquisar as características de cada animal, preocupando-se em atribuir um ensinamento no interior de sua história e em respeitar as particularidades do gênero textual.

Os alunos já estavam familiarizados com este gênero, porém, apresentaram dificuldades para formular a moral da história, elaborando, muitas vezes, uma moral sem relação com o texto.

Em relação à proposta de realizar uma atividade que promovesse a circulação dos textos produzidos pelos alunos, este trabalho conseguiu atingir resultados satisfatórios, pois preocupados com a digitação de suas produções, os alunos passaram a realizar a leitura uns dos textos dos outros e a construir o livro de fábulas para deixar na biblioteca da escola. Desse modo, o autor não seria o único a

ler o texto e este também não teria um único destinatário que seria o professor, pelo contrário, todos os demais alunos da instituição poderão ter acesso a esse acervo, inclusive os professores, que poderão trabalhar essas fábulas em suas respectivas salas de aula.

Essa circulação dos textos provocou uma preocupação maior nos alunos e o interesse em escrever textos de qualidade que despertassem o interesse dos demais estudantes, respeitando seu repertório linguístico e de acordo com sua faixa-etária. Destaca-se ainda que, dos vinte e cinco textos elaborados, apenas dois não foram reestruturados pelos próprios alunos no laboratório de informática, demonstrando que ao reler seu texto e refletir sobre sua própria escrita, o aluno pode melhorar em diversos aspectos, tanto relacionados à semântica quanto ao aspecto ortográfico.

Por fim, observa-se que, no trabalho com gêneros textuais, é preciso incitar no aluno o gosto pela escrita, demonstrando que esta tarefa, embora trabalhosa, pode se tornar muito prazerosa e enriquecedora. É imprescindível também destacar que, com um número menor de alunos, o educador consegue desenvolver uma prática mais produtiva, realizando atividades diferenciadas e atendimentos individuais, o que se torna mais complexo e limitado em turmas numerosas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre o processo de produção textual dos alunos no Ensino Fundamental é um desafio, pois nos leva a refletir o quanto ainda, falta de fato, para que os alunos consigam escrever textos de qualidade, com conteúdos relevantes e respeitando a estrutura textual.

Neste sentido, buscou-se, no decorrer deste estudo, identificar a contribuição dos gêneros textuais como ferramenta capaz de estimular os alunos a produzirem seus textos. Desse modo, foi constatado que, ao proporcionar uma situação de produção textual com circulação social efetiva, os alunos se interessam mais pela escrita e agem de forma ativa, procurando escrever textos com qualidade, melhorando a sua escrita e repetindo a leitura do mesmo com frequência e atenção.

Conforme ressalta Santos (2014, p. 123), “[...] as propostas de produção textual nas escolas podem partir de referenciais mais concretos, mais reais”. Assim sendo, este estudo faz emergir muitos outros questionamentos que ainda precisam ser investigados, com vistas de se obter uma aprendizagem que realmente oportunize ao aluno o domínio da escrita e desperte, desde o início do processo de escolarização, o espírito de pesquisador, afim de que se formem alunos investigadores e criadores de conceitos e não apenas pessoas que reproduzem o conhecimento sem reflexão e criticidade.

Além disso, por meio das observações realizadas constatou-se que as emoções interferem nas habilidades de escrita dos alunos, já que segundo a autora Guimarães (2012, p. 14), “os seres humanos ocupam determinados *lugares* na sociedade – e isso altera radicalmente a maneira como seus textos são produzidos e recebidos”.

A autora referida no parágrafo imediatamente anterior ainda enfatiza que, quanto mais o educando conhecer sobre o gênero textual e suas características, mais propriedade terá em sua escrita, melhor se relacionará com o tema e, principalmente, compreenderá qual a sua esfera de circulação. Desse modo, estará familiarizado com estes conhecimentos científicos, conseguindo realizar inferências e relacionar com os seus próprios conhecimentos prévios, tornando, assim, a aprendizagem significativa. Diferentemente, de quando escrevem suas produções textuais com um único objetivo entregar para o professor corrigir e atribuir uma nota

para ser somada no final do bimestre, já que, ao realizar essa tarefa, o aluno não consegue obter um significado para sua escrita, não consegue realizar inferências com os outros textos desse mesmo gênero que já leu na escola ou em casa e, assim, sente-se desmotivado, apreensivo e sem saber o que escrever e, no final, o texto nem é lido pelos colegas de classe, acaba terminando naquele exato momento, ou quando o professor o devolve corrigido e repleto de observações que, em geral, referem-se ao aspecto ortográfico e não, necessariamente, ao gênero textual ou ao aspecto semântico. Desse modo, o aluno não compreende a estrutura do texto e se torna um verdadeiro inimigo da escrita, recusando-se, inclusive, a escrever.

A fábula, como todos os outros diversos gêneros presentes em nossa sociedade, podem ser ferramentas que auxiliam na produção textual dos alunos em sala de aula, despertando o interesse e relacionando os conteúdos aprendidos na escola com a vivência de cada educando, atribuindo significado e contextualização ao saber, visto que

ler e escrever são também ferramentas para comunicar, ampliar o conhecimento, instrumentos para criar identidade, perfil pessoal e profissional, uma vez que somos seres constituídos pela linguagem e, pelo melhor ou pior desempenho na comunicação oral e escrita, adquirimos ou não *status* e poder dentro da comunidade a que pertencemos (SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2012, p. 97).

Assim sendo, é fundamental oportunizar aos alunos esse contato com os gêneros e com a linguagem escrita e assim proporcionar esse empoderamento para que estes possam viver em uma sociedade com tantas competições e desigualdades, pois, como afirma Francis Bacon, “saber é poder”.

Concluindo, pode-se dizer que os objetivos propostos pela pesquisa foram alcançados, pois, embora havendo a desistência de um aluno, a maioria atingiu resultados satisfatórios e, a partir deste estudo, percebeu-se a necessidade de rever as práticas de produção textual desenvolvidas em sala de aula além de despertar uma preocupação com a real circulação dos textos produzidos pelos alunos.

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. De Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CAVALCANTE; M. C. B. MENDONÇA; M. SANTOS; C. F. **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. 1 Ed., 1. reimp. - Belo Horizonte, Autêntica, 2007.
- GERALDI, J. W. (org.) **O texto na sala de aula**. 4 Ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GERHARDT, T.E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2002.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 3 Ed. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- GUIMARÃES, T. C. **Comunicação e linguagem**. São Paulo: Pearson, 2012, 260 p.
- KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prático dialogada**. Curitiba: InterSaberes, 2014.
- KOCH, I. G. V.; **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo, Contexto, 2011.
- MARCUSCHI, L. A; DIONISIO A. P. **Fala e escrita**. 1. Ed., 1. Reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208 p.
- MARTINS, L. **Escrever com criatividade**. 5 Ed. São Paulo, Contexto, 2011.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**: Versão final . Brasília, DF, 2018.
- OLIVEIRA, M. K. **VYGOTSKY: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 5 Ed. São Paulo, Scipione, 2010.
- SANTOS, Nelson dos. **O significado do trabalho com o trabalho dissertativo-argumentativo escrito em sala de aula**. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado em Abordagens pedagógicas do ensino de linguagens) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Programa de Pós-Graduação em Educação. Marília, São Paulo, 2014.
- SANTOS; L. W; RICHE, R. C; TEIXEIRA; C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012, 192 p.
- SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. **Para entender o texto. Leitura e redação**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2007.

SILVEIRA, M. L. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas.** Comp. Emília Ferreiro, Margarida Gomes Palacio, Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em Administração.** São Paulo: Atlas, 2003.